



Suplemento do jornal CONTEXTO PASTORAL
nº 38, maio/junho de 1997

Debate

Linguagem, um jeito de ser dos evangélicos



Que poder tem a linguagem – palavras, gestos, vestimentas, objetos litúrgicos – na formação do jeito de ser dos evangélicos? De acordo com estudiosos do protestantismo brasileiro, o comportamento e a conduta desse grupo sempre foram marcados pela forma de se expressar e de ver o mundo, trazida pelos missionários norte-americanos. Como a ordem era construir uma identidade alienando-se da cultura-mãe, o que se viu – e se vê até hoje – foi o total abandono da linguagem e da cultura próprias do País e a assimilação de um discurso e de uma prática por vezes desvinculados da realidade. Confira esta reflexão nas páginas 3 a 16

O PODER DA LINGUAGEM

Dizem que a palavra tem a força de determinar guerras e promover encontros; de provocar mortes e anunciar vida; de dividir grupos e incentivar união de povos. Tudo isso é verdade. Mas não é só disso que ela é capaz. Através da História, é fácil perceber que a palavra, dentro de um espectro mais amplo no qual se incluem também gestos, linguagens codificadas, vestimentas, costumes, reflete todo o comportamento, a conduta e a visão de mundo de um grupamento humano.

Na trajetória do Protestantismo Brasileiro isso é mais do que verdade. Missionários norte-americanos, ao desembarcarem no País, trouxeram consigo costumes, práticas e linguagem que até hoje caracterizam o jeito de ser dos evangélicos. Mais do que isso: a tendência foi alienar-se da "cultura-mãe". Por trás dessa postura, estava embutida uma atitude que revelava a ideologia liberal predominante na sociedade norte-americana e que foi pouco a pouco assimilada pelos novos convertidos.

No processo de construção dessa identidade — cuja principal característica era marcar as diferenças em relação aos católico-romanos — manifestações da cultura nacional foram deixadas de lado. Não à toa sinos foram abolidos das igrejas, altares passaram a conter apenas o púlpito e a Bíblia, e pastores abandonaram as togas e estolas e adotaram os ternos. Conforme enfatiza a jornalista metodista Magali do Nascimento Cunha, uma das articulistas deste *Debate*, "o exercício da moralidade protestante, como, por exemplo, a guarda do domingo exclusivamente para o serviço da igreja, a abstinência da bebida alcoólica, do fumo e da participação em festas dançantes ou populares, também é uma forma de linguagem visual, na medida em que os 'crentes' assumiam que assim estariam mostrando ao mundo que tinham a Jesus como único Senhor de suas vidas".

No campo da pregação o que se vê é uma desvinculação do cotidiano, com exposição de idéias que reforçam especialmente o dualismo igreja *versus* mundo, com ênfase na moralidade e nas "coisas espirituais", com poucos desafios a uma prática social cristã coerente com os valores evangélicos de amor, paz e justiça, reforça a jornalista. Na Escola Dominical a situação é praticamente igual, com a repetição do mesmo discurso.

No âmbito da liturgia — especialmente nos cânticos —, a linguagem reforça esse afastamento do "mundo" ou a presença nele como forasteiro, peregrino ou "soldado de Jesus" contra as "hostes inimigas", numa clara menção às batalhas espirituais nas quais, de acordo com pastores e líderes, os crentes estão se envolvendo nos dias de hoje.

Esse é o pano de fundo do Suplemento *Debate* que CONTEXTO PASTORAL apresenta. É uma oportunidade para incentivar a reflexão de um tema que passa muitas vezes despercebido pelos evangélicos mas que marca indelevelmente seu jeito de ser e de agir no mundo. Boa leitura!

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral nº 38
Maio/junho de 1996

Publicação de KOINONIA
Presença Eumênica e
Serviço (Rua Santo
Amaro, 129 22211-230
Rio de Janeiro RJ
Tel: 021-224-6713 e
fax: 021-221-3016).

Conselho editorial

José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Rafael Soares de Oliveira
Tânia Mara Vieira Sampaio

Editor

Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb 18.481)

Editores assistentes

Jether Pereira Ramalho
Magali do Nascimento
Cunha

Editora de arte e diagramadora

Anita Slade

Digitadora

Mara Lúcia Martins

Fotolito e impressão

Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem

10 mil exemplares

DESEJOS E SIGNOS

José Lima Jr.

*... sou salva pela metáfora
a única realidade.*

Adélia Prado

Você está começando a ler um artigo escrito em português. Se forem superados os involuntários erros cometidos contra o vernáculo, insisto que os pontos mais tensos só podem ser lidos em português. Noutra língua teriam que ser repensados, remodelados e refeitos. O artigo não é apenas uma idéia que pretendo expressar. Não é somente uma mensagem dentro de uma embalagem. O artigo pretende ser, isso sim, o registro de uma opinião, cuja forma contenha, em si mesma, também alguma dose de conteúdo.

"Desejos e signos" é um binômio que procura "re-tratar" a re-

lação entre o imaginário (que se faz com *desejos*) e a linguagem (que se faz com *signos*). Como o assunto é imenso e meu texto deve convergir para o campo da religião (e com destaque para a religião evangélica), a escolha dos termos "desejos" e "signos" (nesta ordem) não é gratuita. É que, antes de terminar o artigo, quero montar e mostrar um jogo com essas palavras.

Ainda à guisa de nota preliminar, informo que muito do que você vai ler aqui já havia conversado noutros lugares e, mais recente e longamente, no número 7 da revista "Reflexões no Caminho", do Cebepe.

UM "EU" SE ENVOLVE COM O DIVINO

Assim sendo, inicio minhas observações sobre o tema consideran-

do que no centro do imaginário e da linguagem vividos na religião evangélica um "eu", muito pessoal, se envolve com o divino. Ou seja, uma das características do "ser evangélico" é possuir um "eu" bastante destacado e, no entanto, sublimado. Mesmo que se sinta parte de um Corpo Místico coletivo, seu ingresso nessa condição é rigorosamente particular. Conforme o imaginário evangélico e consoante sua linguagem (detectada em doutrinas, liturgias e serviços), há uma alma que reconhece e confessa seu pecado. Há um coração que aceita ser salvo por uma graça especial, personalizada. Há um corpo que procura testemunhar essa redenção, usando dons concedidos especificamente a ele — templo do Espírito. Há, portanto, um enorme "eu" embutido e escondido entre



Labi Mendonça

a linguagem e o imaginário evangélicos.

A propósito, tanto a História quanto a Filosofia podem apontar nessa característica evangélica o resultado religioso de alguns elementos culturais que distinguiram a origem da modernidade: o sujeito, a razão, o livre arbítrio... Afinal, o imaginário evangélico também é herdeiro de um humanismo desenvolvido pelas novas linguagens surgidas desde o renascimento europeu.

O desejo e o signo, correspondendo ao imaginário e à linguagem, apenas indicam os contornos nos quais o "eu" se constitui como "fenômeno" de subjetividade. Esses limites dos desejos e esses limites dos signos funcionam como balizas para diversos movimentos, tais como os da economia, da política, da cultura... em suas inúmeras e possíveis composições. E quando os desejos e os signos acomodam determinados arranjos estéticos, o que acontece é uma "coisa" espiritual.

A "coisa espiritual" é uma imagem/linguagem em que a subjetividade experimenta a beleza em seus passeios próximos aos mistérios, principalmente o mistério da morte. Essa beleza que tangencia o mistério da morte é a matéria-prima da "coisa espiritual". Quando disso se tem consciência, damos à "coisa" o nome de Arte. E quando a consciência dessa matéria-prima nos fica encoberta, a "coisa" passa a ser chamada de Religião. Portanto, as diferenças entre a arte e a religião se estabelecem dentro de um mesmo espaço: o espaço estético, o espaço presidido pela beleza, em suas variadas e contraditórias manifestações.

Uma orquídea diante de um espelho pode ser um exemplo comparativo entre a arte e a religião. Sem se saber bela, a orquídea é bela para quem a vê direta-

mente (com os olhos da arte) e também para quem apenas a vê espelhada (com os olhos da religião). Uns e outros chegam a concordar com o formato, o colorido, o tamanho... do que estão a ver. Mas como estão a olhar a "orquídea-de-cá" ou a "orquídea-de-lá" do espelho, as imagens e as linguagens sobre a flor são diversas (lógico que não estou considerando outras sensações, como tocar e cheirar). As diferenças es-

*A maravilha da religião
está em que ela é feita
muito mais de desejos
do que de signos*

pecíficas do que é visto, então, deixam de ser "meros" detalhes. Uns, pela via da arte, chegam a ver algo espetacular, sem a interferência mediadora de algum recurso especular de reprodução de imagem. Outros, pela via da religião, não vendo o espetáculo da orquídea mesma (mas supondo que é isso que vêem, e nem percebendo que vêem apenas por meio de um espelho, acabam vendo algo mais que especular, vêem o espelho, vêem o espe(ta)cular: no suporte do espelho, uma tão bela profundidade que, mesmo sem existir, engana e encanta. Para "dentro" do espelho se insere uma *transposição alternativa* (ta), uma *transferência admirável* (ta), um *toque animador* (ta), um *truque abscondito* (ta)...

No ver que a arte oferece ocorre uma espiritualidade (...que é uma espécie de relação entre os desejos e os signos) com a coisa mesma, com a necessária e admitida presença da orquídea. Uma presença que abre ao espírito da

arte determinadas janelas da imaginação. Com efeito, sem a presença da orquídea, nenhuma imagem de beleza se sustenta enquanto arte.

Contrariamente, a religião dispensa, sem se dar conta, a orquídea mesma, pois se volta inteira e tão-somente para a imagem no espelho, ignorando que a imagem não existe sem a orquídea mesma. A única coisa que a religião "não pode" dispensar para ver a orquídea é a luz. Isto é, como não há nenhuma orquídea no espelho e a religião só olha justamente para essa "orquídea" e nem percebe o espelho, a luz é que é a produtora da orquídea/espe(ta)culo (... enquanto que, diretamente, sem a mediação do espelho, a luz é a possibilitadora da percepção artística da orquídea mesma — aquela que existe de fato). Assim, a imaginação religiosa decorre basicamente de uma iluminação.

Mesmo sendo uma ilusão, a imagem espe(ta)cular religiosa não reproduz ilusões. A arte é que pode enganar com a alteração de imagens a partir da orquídea (natural ou artificial). Dependendo de como se aplica a arte de iluminar a "sempre-mesma" orquídea, diferentes imagens de orquídea("s") se vêem diretamente e/ou no espelho da religião. Daí a idéia de que as religiões sejam verdadeiros reflexos virtuais e congruentes do objeto estético e, principalmente, da função estética. É a arte, esta sim, a grande "eminência parva" forjadora do poder religioso.

A imagem/linguagem religiosa é um ótimo emblema do que o processo de significação é capaz. Significar equivale representar. É sempre uma substituição, uma troca. No caso da arte, os signos ocupam o lugar dos desejos sem que estes abafem aqueles. Melhor dizendo, na arte a linguagem não perde sua "evidência" para que a imagem "apareça" mais. E no

caso da religião, a importância da imagem/desejo é tanta que a linguagem/signo serve apenas como instrumento, logo descartável. Enquanto a religião chega depressa na mensagem, a arte se demora na embalagem.

Na religião evangélica, a proeminência dos desejos (que compõem o imaginário) sobre os signos (que compõem a linguagem) representa o fascínio que o "eu" exerce de maneira velada. Se a religião evangélica assumisse a luminosidade desse "eu", encontrar-se-ia um pouco mais no ambiente da arte e, assim, perceberia que existe um espelho, que existe uma orquídea e que a imagem espe(ta)cular que via era uma bela, belíssima substituta: uma significação estética para o "eu" e seus desejos.

A maravilha da religião está em que ela é feita muito mais de desejos do que de signos. Propriamente no espelho não há nenhuma linguagem. No espelho "a-parecem" imagens de um outro lugar. Essas imagens do espe(ta)culo religioso podem ser consideradas como *linguagens segundas*. O "signo" no espelho é uma orquídea que subsiste da teimosa beleza do "eu" desejar sentir a profundidade do mistério na largura do tempo, na altura do espaço.

Se você me permite um breve testemunho, vou "compartilhar" um pouco das lembranças de minha vida devocional. Desde *a mais tenra idade* tive o hábito de meditar diariamente sobre salmos e provérbios bíblicos e cânticos evangélicos. Aos domingos, às quartas-feiras e aos sábados acompanhava meu pai em seu pastorado e minha mãe em seu ministério com a música na igreja. Aos doze anos, assistindo a apresentação de um missionário que desenhava, *ao vivo e em cores*, temas da vida de Jesus, passei por uma experiência que muitos cha-

mam de "conversão". Aos dezessete anos, consagrei minha vida ao Senhor num culto ao ar livre, sob um céu estrelado e em torno de uma fogueira. E o maior êxtase espiritual aconteceu quando um dia, ainda jovem, após o almoço, descansando numa cadeira bastante confortável, lendo um livro de Norman V. Peale e ouvindo discos da coleção "Música para ouvir e sonhar", senti, de maneira

Na religiosidade evangélica, a relação entre o imaginário e a linguagem se dá a partir de um "eu" bastante forte e oculto

tão vívida que me é até impossível descrever, a presença da divindade sentada ao meu lado.

Em todas essas oportunidades sempre havia um fator estético animando meu imaginário. E como eu não via que via por um espelho, tomava a imagem espe-lhada da orquídea como sendo a orquídea mesma. Hoje, com outros signos, percebo e *reflito* tanto no espelho que acabei trocando a espiritualidade evangélica por uma outra espiritualidade assumidamente mais estética. (É óbvio que esse testemunho não tem a intenção de sugerir qualquer mudança para ninguém. Apenas senti que precisava falar a partir do meu "eu").

Independentemente de como representam (se a imagem da orquídea... ou se a imagem da imagem da orquídea...) a arte e a religião, pelo *simples* fato de representarem algo imaginário, são ter-riavelmente belas. E, sem dúvida,

o terrível da representação é assunto que exige uma análise da estética-e-seus-vínculos com a ética, com a ideologia, com o mercado etc... e o estudo dessas ligações, de enorme importância, extrapola o modesto limite deste artigo.

Antes de terminar este texto preciso, finalmente, atender à sua eventual expectativa quanto ao título do artigo e seu possível jogo de palavras. Talvez você até já tenha percebido onde pretendo chegar. Senão, vejamos.

Repetindo e resumindo, na religiosidade evangélica, a relação entre o imaginário e a linguagem se dá a partir de um "eu" bastante forte e oculto. A hegemonia dessa subjetividade enrustida, de inegável vocação estética (já que insiste nas nuances do sentir), se permite conduzir principalmente pelo imaginário dos desejos, sem muita ênfase nas suas representações de linguagem — seus signos. Colocados sempre acabam sendo arrastados... mas, paradoxalmente, na verdade, os signos-com-funções-estéticas se convertem no canal mais efetivo (e ignorado) da religiosidade.

Assim é possível dar uma letra inicial maiúscula para os Desejos, apanhar a letrelinha final dos signos e entre eles instalar o *eu*. Eis, então, o jogo: *D eu s*. Eis a relação entre o imaginário e a linguagem na religiosidade evangélica. Eis por que este artigo só podia ser lido em português.

José Lima Jr. é doutor em Semiótica e professor da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

A LINGUAGEM QUE DÁ FORMA AO MUNDO PROTESTANTE

Magali do Nascimento Cunha

Quando se pensa em linguagem, não se pode referir somente à fala, à articulação do pensamento por meio de uma língua. A linguagem é o que o ser humano pode dizer, o dito e o não dito. Por isso, trata-se de um sistema que reúne tudo o que faz sentido para o ser humano: a fala, a língua, os gestos, os sinais e símbolos, a arte e mesmo o silêncio. Ao se estudar a linguagem de um agrupamento humano ou mesmo de um indivíduo, toda uma visão de mundo é revelada por meio das palavras utilizadas oralmente ou de forma escrita, dos gestos ou mesmo das vestimentas.

Isso remete a reflexão para o elemento da cultura. Se a linguagem é porta-voz de tudo o que faz sentido para o ser humano, ela é um veículo de expressão da cultura. Cada cultura tem vocabulários e conceitos nos quais residem valores e crenças. Daí emerge o valor da tradição oral e o papel das linguagens verbal, não-verbal ou simbólica como transmissoras de idéias, criação, manutenção e imposição de valores.

Desta forma, para se compreender a identidade de um grupo, seu passado, presente ou projeto futuro, é preciso tomar em conta a linguagem e as visões de mundo nela presentes. Esta é a intenção da reflexão que se segue: compreender aspectos da identidade do Protestantismo Brasileiro (PB), a partir de alguns elementos que revelam a linguagem da qual se utiliza. Neste texto, o PB é compreendido como o Protestantismo de Missão, trazido ao Brasil pelas missões norte-ameri-

canas na segunda metade do século XIX, e que estabeleceu as chamadas igrejas históricas como a Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista.

PROTESTANTISMO DE MISSÃO BRASILEIRO: PRODUTO DE UMA MODELAGEM

É fato que os missionários que trouxeram o Protestantismo para o Brasil conservavam em suas práticas ideais protestantes originários da Reforma do século XVI, como a prática religiosa leiga, a vivência da fé com liberdade, o interesse pela Bíblia e a consciência de pertencer à Igreja. Contudo, a marca do Protestantismo trazido ao Brasil foram as experiências vividas no contexto norte-americano, como se tivesse havido um trabalho de releitura da herança da Reforma para adaptá-la àquele novo contexto.

Esse processo de releitura remonta à chegada dos imigrantes europeus aos Estados Unidos no século XVII. Aquele processo significava para eles uma nova vida e um rompimento com aspectos da sociedade inglesa que "deixavam para trás". Um deles dizia respeito à prática religiosa. Na Inglaterra, por exemplo, pertencer à Igreja Oficial e freqüentá-la era uma obrigação social que não poderia deixar de ser cumprida, a não ser sob duras penas. Na "nova vida", os protestantes, novos americanos, desenvolveram um novo modelo de sociedade civil-religiosa, o *denominacionalismo*. A denominação era uma igreja independente, composta por pessoas

que a ela aderiam voluntariamente, de acordo com preferências e convicções pessoais, nos moldes do espírito da livre empresa.

Toda a estrutura do protestantismo americano passa a se constituir como "o outro lado da moeda em relação ao protestantismo inglês", em que a Igreja Oficial funciona a partir de uma hierarquia autoritária. Daí o fato da organização eclesiástica preferida ter sido a congregacional, em que o governo é exercido democrática e diretamente em cada congregação local. Esse rompimento com as práticas inglesas interferiu na liturgia (com a centralidade na pregação) e nos costumes (ênfase maior nos padrões de vida moral como testemunho pessoal, como exemplo da própria pregação), influência direta do movimento puritano e pietista.

No final do século XVII as idéias iluministas chegaram à América. A razão soberana atingiu a Bíblia e o desenvolvimento de uma teologia que fez crescer ainda mais uma moralidade individualista (o valor do homem e sua capacidade de realizar coisas), com reforço à idéia da sujeição do homem à vontade soberana de Deus, e exigências muito rigorosas para a admissão de membros nas igrejas. A influência do Iluminismo foi acrescida, no século XVIII, de um forte movimento de "avivamento", que gerou crescimento de membros nas igrejas e interesse missionário pelos índios. Esse período coincidiu com a chegada dos metodistas, que enfatizavam mais a conversão do que o batismo, mais a experiên-

cia religiosa do que o pertencer a uma instituição eclesiástica. A certeza da conversão se dava pela capacidade de renúncia aos prazeres sociais: jogos, dança, teatros, etc.

A "era metodista" e seu estilo de "espalhar o Evangelho" por meio da peregrinação marcou a expansão territorial dos Estados Unidos bem como um jeito de ser protestante, diferente dos modelos europeus, com ajuste de modo perfeito à cultura do médio-oeste, fundada no individualismo e no desempenho. Como diz Antônio Gouvêa Mendonça, com todo esse processo, "a soberania de Deus vai sendo cada vez mais esquecida, assim como a clássica doutrina da eleição foi relegada para segundo plano à medida que os homens dentro do novo espírito de desempenho tornavam-se seguros de que todo o que quer se salvar pode fazê-lo através de uma 'fé viva' e 'obras de justiça'" (*O celeste porvir*. Paulinas).

Outra característica que nasceu no contexto do protestantismo norte-americano surgiu do desconforto e das divisões criadas para as igrejas com a discussão sobre a escravidão e com a Guerra Civil Americana. A partir desse contexto foi gerada uma tendência teológica de não comprometer a igreja com questões sociais, o que significava separar a fé da realidade, o espiritual do temporal. A escravidão passou a ser considerada uma instituição civil, e ficou assim "fora da competência dos interesses diretos da Igreja". O recurso bíblico era a citação "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus": leis e política pertenceriam a César e questões reconhecidas como espirituais seriam as preocupações da Igreja. Houve diversas divisões nas denominações americanas por conta dessa tendência teológica, pois ela não se

relacionava ao contexto social que estava sendo construído com base na democracia e na modernidade.

Por último, outra mediação foi representada pela ideologia do "Destino Manifesto". As lutas políticas e religiosas na Europa do século XVII que haviam provocado as migrações para a América ainda marcavam os ideais do protestantismo no século XIX: a meta era uma civilização cristã segundo o modelo protestante. A combinação religião-moralidade-educação exercia um papel normativo e civilizador, garantindo estabilidade e progresso social ao mesmo tempo. Os norte-americanos pareciam compreender que se não haviam implantado o Reino de Deus na terra, haviam encontrado o caminho para fazê-lo. Deus estaria sempre agindo por intermédio de povos escolhidos e o havia feito naquele momento aos povos de fala inglesa. Estava nas mãos deles a salvação do mundo. Foi essa ideologia que contribuiu para a expansão missionária do século XIX bem como o expansionismo político e econômico norte-americano.

A CONVERSÃO A UMA NOVA CULTURA

O processo de conversão e a vinculação a uma igreja protestante no Brasil passaram a significar uma conversão à cultura anglo-saxã, totalmente estranha ao público-alvo. Os missionários traziam outra linguagem, e ao espalharem a doutrina protestante, pregavam também seus valores culturais. Ilustrações dos textos didáticos, vestimentas, postura do corpo, instrumentos musicais, hinologia, revelavam estilos peculiares aos norte-americanos.

Isso provocou um profundo choque com as raízes culturais brasileiras, constituídas em especial por influências indígenas, negras e euro-ibéricas, que produ-

Os pastores abandonaram as togas e as estolas e adotaram os "modernos" ternos. Os altares passaram a conter apenas o púlpito e a Bíblia

ziram uma imensa variedade de estilos regionais. Nesse confronto entre a cultura anglo-saxã e as diversas manifestações brasileiras, parece ter prevalecido o que na linguagem religiosa veiculada significava alienar-se da "cultura-mãe". Como indica Rubem Alves na obra *Dogmatismo e tolerância* (Paulinas), "a cultura local estava tão identificada com a Igreja Católica Romana, que o símbolo do rompimento com o Catolicismo era o rompimento com os valores nativos".

Ao mesmo tempo, o não-abrasileiramento do Protestantismo trazido no século passado deveu-se aos condicionamentos sociais do protestantismo norte-americano, embutidos nas mensagens e práticas desenvolvidas no Brasil, que revelavam a ideologia liberal predominante na sociedade de origem. A visão era de que a sociedade brasileira encontrava-se em estágio inferior de desenvolvimento devido em grande parte aos estreitos vínculos com o Catolicismo. A evangelização era o *destino manifesto* da nação norte-americana, com vistas à expansão do modelo político-econômico liberal, sinal da bênção de Deus, e à libertação do povo brasileiro da ignorância e do subdesenvolvimento. A implantação de escolas foi a prática escolhida por boa parte das missões protestantes, com introdução de métodos

KOINONIA



Escola dominical: repetição do mesmo discurso da pregação

pedagógicos modernos com ênfase na necessidade de modernização e democratização do País.

“CRENTE” E “EVANGÉLICO”, NOMES PARA OS PROTESTANTES BRASILEIROS

Na adoção da linguagem que marcaria a identidade do PB, um ponto importante foi a forma como aqueles que abraçavam a fé protestante seriam identificados. Dar nome é dar identidade, é estabelecer uma marca. Para os missionários, era importante adotar um nome que representasse aquela nova experiência vivida no Brasil, e para isso foi escolhida a expressão “crente em nosso Senhor Jesus Cristo”, ou, numa abreviação, “crente”. Esse nome demarcava a questão da conversão, que era a pregação central da mensagem protestante: passava-se da incredulidade e desobediência a uma nova vida de crença e obediência. Os convertidos passavam assim a se auto-identificar como “crentes”.

Antônio Gouvêa Mendonça, no artigo “Quem é evangélico no Brasil?” (*Suplemento Debate/Contexto Pastoral*, nº 8, mai-jun 1992), destaca que “de fora, o apelativo era muitas vezes carregado de preconceito e até de de-

preciação, mas de dentro era cheio de brio e de responsabilidade”. Os crentes, embora compondo um grupo sociologicamente marginal, eram respeitados pelo seu amor à paz, à ordem e ao trabalho. Assim, o nome de crente trazia consigo um compromisso transparente de ser diferente perante a sociedade tradicional.

No entanto, os missionários norte-americanos tinham sua identidade: eram *evangélicos* ou *evangelicals*, ou seja, adeptos do movimento que se originou no século XVIII na Europa, caracterizado pelo espírito conservador, contrário ao que fosse expressão de liberalismo, modernismo e ecumenismo. Essa corrente protestante foi a promotora das Alianças Evangélicas em todo o mundo, caracterizadas pela teologia dos movimentos pietistas e fundamentalistas de avivamento e pela busca da união de todos os protestantes a fim de formar uma frente única de combate ao Catolicismo.

Após a formação da Comissão Brasileira de Cooperação (resultado do Congresso do Panamá em 1916), que transformou-se na Confederação Evangélica do Brasil (1934), muitas denominações acrescentaram aos seus nomes a expressão “evangélica”. Assim o

termo “crente”, considerado pejorativo, foi substituído por “evangélico” para designar os fiéis e as igrejas não-católicas. O termo “protestante”, na verdade, nunca foi utilizado para identificar os não-católicos no Brasil. Ele é mais utilizado por historiadores e estudiosos da Teologia e da Religião.

CONVERSÃO A UM NOVO FALAR

O processo de construção de uma identidade que marcas as diferenças em relação aos católico-romanos e a busca da modernização levou o PB a sacrificar tradições e práticas herdadas da História do Cristianismo e a passar a repudiar os símbolos na vida das igrejas. O privilégio estava reservado à palavra falada; a linguagem visual dos gestos e símbolos litúrgicos estava descartada. Foi assim que os templos protestantes surgiam com pouca expressão simbólica da fé. De vez em quando ousava-se utilizar uma cruz. Um templo ou outro admitiu um vitral ou uma torre. Sinos estavam fora de cogitação. Os pastores abandonaram as togas e as estolas e adotaram os “modernos” ternos. Os altares passaram a conter apenas o púlpito e a Bíblia. O instrumento musical protestante passou a ser o órgão e para se cantar, versões da hinologia tradicional européia e norte-americana e de canções populares daquelas nações.

A linguagem visual no PB ficou restrita aos costumes: o vestuário num estilo formal, como, por exemplo, o uso de ternos pelos homens; ou a Bíblia em punho na caminhada para o culto ou para outros “trabalhos” da igreja. O exercício da moralidade protestante como, por exemplo, a guarda do domingo exclusivamente para o serviço da igreja, a abstinência da bebida alcoólica, do fumo e da participação em festas

dançantes ou populares, também é uma forma de linguagem visual, na medida em que os "crentes" assumiam que assim estariam *mostrando ao mundo* que tinham a Jesus como único Senhor de suas vidas.

Rubem Alves afirma na obra *Protestantismo e repressão* que "a conversão se revela por meio de um novo falar. Converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro". Seja no campo dos costumes ou na fala propriamente dita, o pietismo e o fundamentalismo moldaram toda a forma de expressão do PB. A conversão a Cristo passou a representar uma mudança total de vida, que incluía a adoção de um novo discurso e de uma nova cultura.

Os cultos protestantes adotaram como parte central a pregação da Palavra de Deus (o sermão), que ainda hoje é caracterizada por uma desvinculação do cotidiano. A pregação protestante é uma exposição de idéias que reforçam especialmente o dualismo *igreja x mundo*, com ênfase na moralidade e no cultivo das "coisas espirituais", com poucos desafios a uma prática social cristã coerente com os valores evangélicos de amor, paz e justiça. O modo imperativo é predominante na construção dos discursos. Tudo no campo das idéias, com pouco apelo às experiências vivenciadas pelos ouvintes e com abundância de repetições. Há grande espaço para o uso de expressões bíblicas de pouca compreensão como "Principados e potestades nos dominam" e chavões como "Somos pobres materialmente, mas ricos da graça de Deus", como força de retórica.

A Escola Dominical — espaço mais comum para a prática da educação cristã — pouco avançou em relação à pregação. Na verdade tornou-se um serviço a mais para a repetição do mesmo discur-

so, com professores que são, na verdade, pregadores, que fornecem um pequeno espaço para que os demais se manifestem.

Uma forma livre de manifestação da linguagem da palavra são os momentos de orações espontâneas ou a partir de convite dos dirigentes das reuniões. São orações livres mas a repetição é parte integrante dessa prática. É um fator de muita importância no mundo protestante que o convertido saiba orar em público — é quase uma obrigação, uma prova de conversão. É assim que os novos crentes adotam a estrutura e as expressões-chaves que aprendem ao ouvir outros orarem em público que passam a repetir. As orações nas reuniões protestantes em geral iniciam com a exaltação a Deus, apresentam pedidos ou agradecimentos por variados motivos e terminam com a expressão "perdoe (a multidão dos) nossos pecados, aumente a nossa fé. É o que te peço em nome de Jesus. Amém".

DESAFIOS À REFLEXÃO

Os anos de 1980, para as igrejas evangélicas em geral e para a Igreja Metodista em particular, são marcados pelo crescimento vertiginoso do movimento pentecostal no Brasil. O pentecostalismo em crescimento é caracterizado pelo surgimento de um sem-número de igrejas autônomas, organizadas em torno de líderes e se opõe ao pentecostalismo clássico ou histórico, como o das Assembleias de Deus, por exemplo. Enquanto o clássico é institucionalizado, baseado em um corpo de doutrinas calcadas no batismo do Espírito Santo, na busca de santificação e na ética restritiva de costumes, o autônomo se baseia nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se al-

cançar a bênção divina. A igreja que mais simboliza este movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus, que cresce em número de fiéis e em acumulação de capital e propriedades (comprou, no final dos anos de 1980, uma rede de televisão).

O crescimento pentecostal tem exercido uma influência decisiva sobre as igrejas históricas, e a Igreja Metodista em particular, inicialmente perplexas diante do fenômeno. Em primeiro lugar, ele toca na ferida que sempre marcou o protestantismo histórico brasileiro — a estagnação e o não crescimento numérico significativo —, provocando como que uma "inveja santa" e uma espécie de motivação para se voltar a perseguir um aumento de fiéis. A influência se concretiza de maneira especial no reforço aos grupos avivalistas, de tendência carismática, que, a partir da similaridade de propostas e posturas com o pentecostalismo, passa a conquistar espaços significativos na vida das igrejas históricas.

Paralelamente, surgem no Brasil com toda a força duas correntes religiosas denominadas "Teologia da Prosperidade" e "Guerra Espiritual", que conquistam o coração e a mente das igrejas históricas. O sucesso dessas formas religiosas estaria certamente garantido pela perfeita integração com a conjuntura da sociedade neoliberal. Numa lógica de exclusão, prega-se que os que almejam ser incluídos poderiam abraçar as promessas de prosperidade material ("vida na bênção"), sendo fiéis a Deus material e espiritualmente. Neste caso, os vencedores da grande competição social por um espaço no sistema seriam os escolhidos de Deus e a acumulação de bens materiais, interpretados como as bênçãos para os "filhos do Rei" (ou "príncipes"). Na mesma direção, pre-

ga-se que é necessário varrer o mal que impede que a sociedade alcance as bênçãos da prosperidade, por isso, os “filhos do Rei” devem invocar todo o poder que lhes é de direito para estabelecer uma guerra contra as “potestades do mal” representadas no Brasil principalmente pela Igreja Católica, os cultos afro-brasileiros e os promotores da Nova Era.

Esta pregação sobre o direito a reinar com Deus e desfrutar das suas riquezas e do seu poder, serve “como uma luva” para levantar a auto-estima dos membros das igrejas tradicionais, inferiorizados pelo crescimento pentecostal e massacrados pelas políticas neoliberais implantadas no País.

Ao mesmo tempo, o comércio (prática do mercado neoliberal que precisa estender-se e estar presente em todos os campos da vida social) detecta um campo quase virgem para sua atuação mas muito promissor diante da conjuntura religiosa: os consumidores evangélicos. É a partir daí que surge o chamado “mercado *gospel*”, que explode primeiramente e principalmente no mercado fonográfico. Se já era grande o número de cantores evangélicos que comercializavam seus discos, com o “empurrãozinho” do mercado neoliberal há uma verdadeira proliferação de cantores agora com uma nova característica: passam a ser profissionais da música com a realização de shows para promover seu trabalho (até mesmo em casas de espetáculos populares) e cobrança direta ou indireta de cachês para apresentação em igrejas e eventos vários.

Com isso ganham força as rádios evangélicas, em especial as FMs, que buscam público jovem. Soma-se a isto o considerável aumento do número de lojas de artigos *gospel*, até chegar a construção de um shopping *gospel* em

A linguagem gestual ganha espaço nos cultos com o levantar das mãos para exaltação a Deus, conjugado à expressão de gozo espiritual e com as coreografias nos cânticos

São Paulo. Nessas lojas é possível encontrar tudo o que se imagina, marcados por slogans de apelo religioso, versículos bíblicos ou, simplesmente, o nome de Jesus. Importa também destacar que o mercado *gospel* passa a também representar uma fonte alternativa de renda e de trabalho.

É assim que nos anos de 1990 a linguagem do PB está revestida dessas influências. Nunca se falou ou cantou tanto o poder, as batalhas, os exércitos, as bênçãos materiais, o reinado, a riqueza. A linguagem gestual ganha espaço nos cultos com o levantar das mãos para exaltação a Deus conjugado à expressão facial de gozo espiritual (olhos fechados e testa franzida) e com as coreografias nos cânticos, aprendidas nos shows *gospel*.

A imagem (recurso fortemente explorado pelo mercado por meio das novas tecnologias de comunicação) passa a ser um valor para os momentos de culto nas igrejas, que tornam-se veículo promocional dos discos e dos cantores evangélicos. A liturgia fica reduzida a dois momentos: o louvor e a pregação. O “momento de louvor” passa a seguir um padrão: saem os conjuntos jovens, entram os grupos de louvor, que ao invés de animadores dos cânticos, são intérpretes reprodutores dos modelos-cantores assistidos nos

shows. A ênfase não é a celebração da fé; há uma apresentação de um programa. Um microfone é pouco; todo um sistema de som precisa ser adquirido para manter o padrão secular estabelecido, bem como um retroprojetor, não importa as condições físicas do templo ou sequer as prioridades da congregação. A hinologia é substituída pelas baladas românticas de forte cunho emocionalista e pelo rock pesado ou ritmo sertanejo dos “cânticos de guerra”, que têm espaço de destaque no “momento de louvor”. Os conteúdos privilegiam a exaltação de Deus, a adoração, e a reafirmação de Deus como Rei e como Poder.

O formato tem sofrido modificações mas o discurso parece estar sendo mantido, dosado pelo predomínio do individualismo, do dualismo, pela rejeição da cultura nacional, pela busca da modernização e pelo antiecumenismo.

Para escapar das crises ao longo de sua história, muita coisa foi experimentada pelo PB. Hoje, essas igrejas tentam importar tendências do Pentecostalismo Autônomo a fim de sobreviverem. Algumas igrejas pentecostais têm feito demonstrações de como é possível conciliar elementos da cultura nacional com a religiosidade e são as que mais têm crescido numericamente. A linguagem da palavra, dos gestos e dos costumes é fator determinante nesse processo. É assim que o PB vai, mais uma vez, recriando a sua identidade, tentando colocar um pé no futuro. O desafio maior talvez fosse utilizar nesta construção a combinação de três elementos: os valores fundamentais do Evangelho, os ideais da Reforma e a cultura nacional. Aí estaria a particularidade do PB.

Magali do Nascimento Cunha é jornalista e integra a equipe de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

A LINGUAGEM DA PREGAÇÃO EVANGÉLICA

Clóvis Pinto de Castro

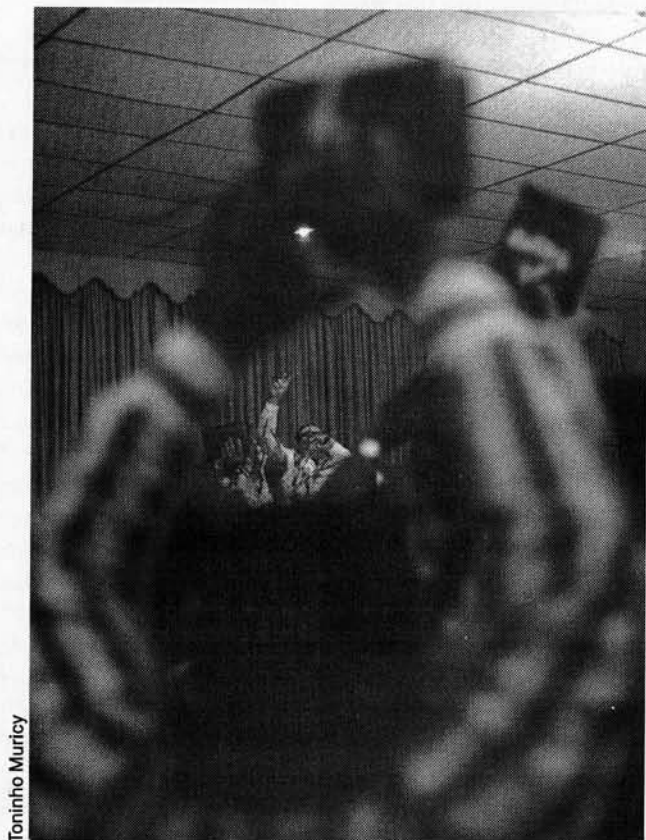
Mas devemos defender-nos de toda palavra, toda linguagem que nos desfigure o mundo, que nos separe das criaturas humanas, que nos afaste das raízes da vida.

Érico Veríssimo

Êta trem difícil, sô! Recuperando minhas raízes mineiras, esta foi a melhor maneira de eu expressar a minha dificuldade em trabalhar o tema que me foi proposto para este breve artigo: *"a linguagem da pregação evangélica"*. Quase desisti. Mas, como sou daqueles mineiros teimosos, resolvi enfrentar o desafio. Pensar a linguagem como formadora do imaginário social das igrejas é uma tarefa que exige muito mais tempo de pesquisa, tempo este que no momento eu não disponho, e de espaço, pois em quatro páginas ou cerca de 1.500 palavras como me pediram, é impossível aprofundar uma reflexão sobre o assunto.

Portanto, o presente texto deixa muitas questões em aberto para futuras pesquisas.

Entender a linguagem evangélica e sua influência na construção do imaginário de parte do povo de Deus no Brasil é uma tarefa que exigiria um longo processo de pesquisa de campo, pois não há como falar de presença evangélica no singular. A palavra evangélica é, no contexto brasileiro, quase que intraduzível. Pode dizer muita coisa e nada ao mesmo tempo. Nos últimos anos têm havido alguns esforços no sentido de tipologizar os evangélicos no Brasil, entre os quais, destacam-se os trabalhos de José



Toninho Muricy

Bittencourt Filho e de Antonio G. de Mendonça. Porém, o mosaico da presença evangélica no Brasil é muito complexo. Surge, a cada dia, em nossas cidades, principalmente nas metrópoles, uma nova igreja (ou como muitos preferem, uma nova comunidade) 'evangélica'. São centenas de denominações e grupos religiosos diferentes que buscam abrigo no mesmo 'guarda-chuva': ser reconhecidos como evangélicos.

Não há como questionar esta maior presença dos 'evangélicos' no contexto nacional. Mas, por outro lado, em que esta visibilidade maior dos evangélicos tem mudado o cotidiano dos(as) brasileiros(as)? Esta é uma das perguntas que deixaremos em

aberto. Cremos que daqui em diante, mais que no passado, as faculdades de Teologia e os centros de pós-graduação em Ciências da Religião deverão investir maiores esforços em pesquisas de campo (hoje, a maioria das pesquisas é bibliográfica) para uma melhor compreensão desta presença evangélica na complexidade religiosa brasileira. Teremos que deixar o conforto das bibliotecas e a certeza dos livros para irmos aos becos, vielas, ruas e praças das nossas cidades para saber o que realmente está acontecendo. Chega de 'achismos'. Faz-se necessário um melhor conhecimento daquilo que se passa nas milhares de igrejas locais espalhadas por este Brasil.

VISÕES TEOLÓGICAS

Cada presença evangélica, neste país, é alimentada por uma (ou mais) visão teológica própria. O 'guarda-chuva', a que nos referimos acima, é muito amplo e acolhe várias tendências teológico-pastorais que, em alguns casos, são totalmente opostas e antagônicas. Há desde aqueles que falam (o verbo falar não significa, neste contexto, simplesmente uma atividade de verbalização; é tudo aquilo que as pessoas fazem ou utilizam para expressar sentimentos e idéias) de inculturação do Evangelho, da opção preferencial pelos empobrecidos, da encarnação do Evangelho, de um mundo que anseia pela justiça e pela paz, até aqueles que, espiritualizando a realidade, falam de batalha espiritual entre anjos e demônios, libertação espiritual e de ganhar as cidades para Cristo.

Antes de considerarmos o específico das *'linguagens evangélicas'*, faremos algumas breves considerações sobre as definições básicas do que entendemos por linguagem, e sobre as implicações, para a pregação evangélica, do desenvolvimento da Semiologia (Ciência dos Signos).

Linguagem é "tudo aquilo que serve para expressar idéias, sentimentos, modos de comportamento (...); é todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos". Estas são algumas das definições básicas de linguagem que encontramos no 'Aurélio'. A linguagem nos possibilita sermos humanos pois, como "seres semióticos que somos, não conseguimos nos mover no universo e, muito menos, falar sobre ele, se não fizermos uso do signo" (Soares, p. 86). Para expressar nossos sentimentos e nossos pensamentos precisamos de palavras, gestos, sons, luzes, imagens,

Toda e qualquer forma de pregação constitui-se num discurso persuasivo

isto é, precisamos de um signo: "ente imediato, algo que está por outra coisa sob algum aspecto" (Epstein, p.76). É a linguagem que possibilita a produção simbólica. Neste sentido, lembro-me do diálogo que Paulo Freire teve com um índio peruano no início dos anos de 1970, publicado recentemente na "Folha de São Paulo", por ocasião de sua morte: "O que é uma montanha?", perguntou-lhe o educador. "Uma montanha é um homem que dá nome a uma montanha", respondeu o índio. "E se o homem não estiver lá?", insistiu. A resposta: "Então não será uma montanha, porque não haverá ninguém para chamá-la pelo nome" ("Folha de São Paulo", 3/5/97, Caderno 3).

Mesmo sendo uma preocupação constante na história da humanidade, foi no nosso século que desenvolveu-se, com maior vigor, a ciência dos signos: Semiologia (ou Semiótica, palavras usadas como sinônimos pela Associação Internacional de Semiótica). A Semiologia passou por várias fases desde Ferdinand Saussure, reconhecido como fundador da lingüística moderna. Em seu clássico livro *Curso de Lingüística Geral*, Saussure define, pela primeira vez, muitos dos termos usados pela Semiologia até nossos dias.

Em seu desenvolvimento, a Semiologia expandiu-se, também, às formas não-verbais de comunicação (até então, somente a língua era considerada como um sistema de signos). Avançando um pouco mais, Roland Barthes, em seu livro *Elementos de Semiologia*, reconhece como simbólico

tudo e qualquer fenômeno cultural (é a Semiologia da Significação). Atualmente, a Semiologia preocupa-se também com o ser humano, pois as pesquisas anteriores trabalhavam com tudo aquilo que era produzido pelo ser humano, mas "deixaram em total marginalidade os agentes dos fenômenos culturais, os autores desse universo simbólico: o homem" (Soares, p. 89). Portanto, fala-se hoje, em Semiologia do Sujeito. Nesta nova etapa, a Semiologia tem-se servido muito mais de outras áreas do saber humano, tais como Psicanálise, Sociolinguística e Psicologia. Nesta etapa da Semiologia encontraremos mais elementos que podem nos ajudar na análise semiológica da linguagem da pregação evangélica, ou, para ser mais específico, da pregação proferida num contexto litúrgico. Atualmente, para a Semiologia, não importa apenas o que é dito (discurso), mas como esse discurso é apresentado e transmitido. Há uma preocupação maior com a forma do que com o conteúdo.

Antes de apontarmos algumas referenciais para uma análise semiológica das 'pregações (linguagens) evangélicas', cremos ser importante definir o que entendemos por pregação. Pregação é todo esforço que as igrejas realizam no sentido de anunciarem a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. Portanto, é um termo bastante abrangente que engloba as múltiplas formas das igrejas cristãs proclamarem a sua mensagem. Sendo assim, a pregação acontece na ministração dos sacramentos, nos estudos bíblicos, na educação e distribuição de literatura, na celebração de ofícios religiosos, no louvor etc. O sermão, ou a predica (expressões usadas como sinônimos), é um tipo especial de pregação. É a ministração e exposição da Palavra de Deus que

acontece no contexto de um culto público. Tem uma vinculação litúrgica, está ligado ao culto comunitário.

A pregação, em suas diversas modalidades, tem, pelo menos, duas dimensões que estão intimamente relacionadas: a comunicativa e a educativa. Para ambas a linguagem constitui-se num elemento fundamental. Não há comunicação e, muito menos, educação, sem a linguagem.

Um dos desafios que se colocam para as igrejas evangélicas, no caso específico das prédicas, é encontrar o ponto de equilíbrio entre as duas dimensões. Em alguns casos há uma supervalorização do processo de comunicação em detrimento do conteúdo; em outros, ocorre o inverso: valoriza-se o conteúdo e desprezam-se as regras básicas do processo de comunicação.

BREVES COMENTÁRIOS SOBRE ALGUNS TÓPICOS PARA UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DE PREGAÇÕES EVANGÉLICAS

Linguagem e persuasão

Quando nós preparamos um sermão ou qualquer outra forma de pregação, nossa intenção é persuadir uma ou várias pessoas, pois, toda e qualquer forma de pregação constitui-se num discurso persuasivo. Há, com certeza, diferentes graus de persuasão, alguns mais explícitos, outros mais sutis. "O elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo" (Citelli, p. 6). Vejamos, a seguir, que o discurso religioso é uma das formas discursivas mais persuasivas, basta verificar, na história da Igreja, como os recursos da retórica influenciaram as técnicas de preparação e exposição de sermões. A retórica não é sinônimo de persuasão, mas pode explicitar como se faz per-



Marta Cerqueira Leite

Há muitas igrejas cujos discursos não são compostos pelo saber narrativo (justiça, paz, igualdade), mas transformados em mercadorias para serem veiculadas e consumidas entre os fiéis. Com "fórmulas de felicidade eterna" seus pregadores seduzem e manipulam as grandes massas

suasão. Alguém poderia dizer: "Minha intenção é só informar, e não persuadir". Esta frase, por exemplo, é altamente persuasiva, pois tenta passar uma imagem de respeitabilidade e credibilidade. Em outras palavras, a pessoa está dizendo: "A minha mensagem é diferente da dos outros... você pode confiar".

Linguagem e autoridade

É bom lembrar que a Igreja não prega. Somos nós os pregadores.

A Igreja utiliza-se de pessoas de carne e osso (em alguns casos, como o meu, mais carne que osso). Pregamos pela autoridade concedida pela comunidade de fé e na força e inspiração do Espírito de Deus. Essa questão de autoridade é uma das maiores dificuldades para uma análise de qualquer discurso religioso. Conforme afirma Citelli: "Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não-determinada, visto que a fala do pastor se constrói como verdade não sua, mas do outro" (p. 48). No discurso religioso quem fala "não é o 'dono' do discurso... é apenas veículo, porta-voz, no máximo um interpretador da palavra do Senhor" (p.48).

Linguagem e visão teológica

No exercício da pregação, verbalizamos aquilo que cremos ser a expressão verdadeira de alguma dimensão do Evangelho. Porém, tudo aquilo que verbalizamos é a expressão de uma determinada forma de fazer teologia e consequência da maneira de nos relacionarmos com a realidade. A nossa linguagem expressa uma visão teológica, visão esta que determina nossa presença na sociedade. Por exemplo, as expressões "está

amarrado em nome de Jesus"; "o sangue de Jesus tem poder"; "Deus faz uma opção preferencial pelos empobrecidos"; "o rosto materno de Deus" são linguagens que veiculam uma (ou mais) determinação teológica. Portanto, não nos desvencilhamos do que somos, da nossa história de vida e da nossa compreensão de mundo, quando pregamos.

Linguagem e novas formas de aprendizado

Com a crise da modernidade e, especialmente, da razão instrumental, a linguagem conceitual cede cada vez mais lugar à linguagem simbólica. Na linguagem conceitual predominam a explicação, o nocional, a abstração, a precisão, a idéia, a análise, o detalhe, a lógica, a consciência. Durante muitos anos, com fortes influências do Iluminismo, a linguagem conceitual foi predominante (não exclusiva) nos discursos religiosos, principalmente, nas igrejas do Protestantismo Histórico. As prédicas tinham que dar uma resposta (explicação lógica) à razão humana. Não é por acaso que, neste século, desenvolveram-se muito os estudos na área de exegese bíblica e hermenêutica teológica. Hoje, principalmente nas igrejas com posturas mais carismáticas e pentecostais, há uma forte presença da linguagem simbólica, onde predominam: a imagem, as ligações analógicas, o conhecimento emocional, o inconsciente, o imaginário, a sensibilidade aos índices, aos sinais, a percepção global. Neste tipo de linguagem o(a) pregador(a) é convidado a falar ao coração (emoção) das pessoas e não à razão. Pierre Babin, em seu livro *A era da comunicação*, apresenta maiores detalhes destes dois níveis de linguagem.

As recentes pesquisas na área de educação têm apontado para

novas formas de aprendizado, em que predomina a linguagem simbólica. No processo de ensino-aprendizagem devem-se integrar, "dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o transcendental (a integração com o universo)" (Moran, p. 28).

Linguagem e cultura pós-moderna

Liotard, em seu livro "A Condição Pós-moderna", fala da crise das meta-narrativas (meta-discursos). Há uma certa incredulidade com relação aos discursos e paradigmas unificadores. O que predomina é uma fragmentação dos discursos. Creio que sua análise da mudança do saber na pós-modernidade, sendo este transformado em mercadoria, com o declínio das metanarrativas, é um bom eixo para analisarmos a linguagem evangélica. Há muitas igrejas que aderiram àquilo que Lyotard define como jogos de linguagem performativos, prescritivos e reguladores. Estas são as igrejas que possuem os discursos mais persuasivos e, conseqüentemente, as que mais crescem. Seus discursos não são compostos pelo saber narrativo (justiça, paz, igualdade, solidariedade...), mas transformados em mercadorias para serem veiculadas e consumidas entre os fiéis. Com "fórmulas de felicidade eterna" seus pregadores(as) seduzem e manipulam as grandes massas. Assim, muitas igrejas transformam-se numa indústria de entretenimento, como tantas outras, e seus 'usuários' em consumidores em busca de prazer e diversão. Nesse tipo de relação há pouco espaço para o recolhimento, a provocação e a interrogação. O Evangelho é fragmentado em doses homeopáticas, marcadas por frases curtas e de efeito (aquilo que Umberto Eco chama de

sintagmas cristalizados ou que vão se cristalizando), tais como, "o crente não sofre"; "nós somos filhos do Rei" etc. "Numa atmosfera narcísica, o mais importante é viver hedonisticamente o presente, a experiência imediata, sem passado e sem futuro" (Castro, p. 8). Neste sentido, Jesus deve ser apresentado (vendido e consumido) como alguma coisa prazerosa. É o Jesus das bênçãos, dos milagres, das curas, da prosperidade... palavras como cruz, sofrimento, discipulado e compromisso estão em desuso, fora de moda, são antiquadas.

Para concluir, reproduzo a seguir um discurso que caracteriza bem alguns elementos desta cultura pós-moderna. É uma das respostas da modelo e atriz Ana Paulo Arósio à jornalista Valéria França, numa entrevista das páginas amarelas da revista "Veja", de 12 de março de 1997. "Você sempre foi religiosa?" "Eu nasci católica. Hoje vou à Igreja Evangélica. Às vezes eu fico meio confusa, não sei bem o que eu estou fazendo lá. Acho que frequento a igreja não tanto por causa da religião, mas pelas pessoas que vão lá, pelo espírito daquele grupo. Quando repetimos 'o Espírito de Deus está entre nós', tem quem ache uma bobagem, mas não concordo. As pessoas que estão ali, junto comigo, tratam-me com muito amor. Elas se importam comigo. Mas também já fui a reuniões espíritas e conheço um pouco do budismo. Qualquer religião remete a um ser maior, que eu chamo de Deus. Eu tenho de agradecer a Ele todos os dias porque estou viva e saudável".

Clovis Pinto de Castro, pastor metodista e reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (São Bernardo do Campo/SP).

"Tenho lido da bela cidade
Situada no Reino de Deus,
A murada de um jaspe
luzente,
Juncada de áureos troféus;
No meio da praça está o Rio
da Vida que nasce da cruz,
Mas metade da Glória
Celeste
Jamais se contou ao mortal.

Tenho lido dos belos
palácios
Que Jesus foi no céu
preparar,
Que os crentes fiéis, para
sempre
felizes irão habitar;
Tristeza, nem dor, nem
velhice
Atinge a mansão divinal,
Mas metade do gozo futuro
Jamais se contou ao mortal."
(*Salmos e Hinos*, n. 384)

passarinhos nem com belas flores!
Encantado com palavras advindas
de uma outra Palavra: a palavra,
infalível e irrefutável, tal qual saí-
da da boca do criador, a Escritura
Sagrada, que é em sua própria la-
vra a revelação divina dos segre-
dos imortais aos pecadores. Saber
manuseá-la é ser detentor de um
poder divino sobre as hostes do
maligno. Saber onde se encontram
os oráculos do Senhor é ter força

para a caminhada. O salvo sabe
antes mesmo que qualquer per-
gunta venha a ser formulada o
adágio que diz "A resposta está
na Bíblia". Não é sem razão que
esta mesma Bíblia, Palavra de
Deus que é, receberá como prova
de reverência, em todas as épocas
e lugares, monumentos de eterna
homenagem em praças que a os-
tentem para que todos venham
adotá-la como "regra de fé e prá-
tica".

Admirável-mundo-santo! As
palavras neste mundo salvam seus
locutores da penalidade, do poder,
e da presença do pecado... As pa-
lavras neste mundo peregrinam
com seus viandantes por sobre os
montes e vales... As palavras nes-
te mundo militam ao lado de seus
guerreiros resgatando um exérci-
to de milhões que em trevas tão
medonhas jazem perdidos sem o
salvador... Assim vivem os resga-
tados do Senhor...

Ao fim deste olhar panorâmi-
co por entre vales e montanhas,
os quais espero não ter profana-
do, há uma confissão a fazer. Des-
te habitat sou um exilado. Isto
explica rimar verdade com bon-
dade, migrei para outras paragens.
(A liberdade é a irmã mais formo-
sa da provisoriedade!). Devo tam-
bém reconhecer que as não-mui-
tas-vezes que me oferecem pão e

"Avante! Avante! ó crentes!
Soldados de Jesus!
Erguei seu estandarte,
Lutai por sua cruz!
Contra hostes inimigas,
Ante essas multidões
O Comandante excelso
Dirige os batalhões."
(*Salmos e Hinos*, n. 147)

vinho, ao som de preces musica-
lizadas, chego a celebrar com eles
o sonho de um celeste porvir. Não
importa que sobre mim pese a
dura sentença de não ter suporta-
do as palavras da "sã doutrina".
Por isso mesmo, como revistá-los
sem que em meus óculos a primei-
ra palavra a ser inscrita não seja
tolerância?...

Sonho com um tempo em que
as palavras sobre o Indizível dei-
xarão de se transformar em mor-
talhas para embalsamar Aquele
cujo nome é impronunciável. Até
lá procuro tecer com outros ir-
mãos, também exilados, uma rede
de balanço onde as palavras se
espelham pelo vento e anunciem
aos quatro cantos que o "mundo
ainda tem jeito apesar do que os
homens têm feito".

Carlos Alberto Rodrigues Alves é
pastor presbiteriano.

ASSINE CONTEXTO PASTORAL

"Contexto Pastoral" é um jornal-painel a
serviço da pastoral e dos cristãos pela paz
e justiça. Reportagens, análises, debates,
estudos bíblicos, entrevistas e muito mais
para você ficar por dentro do contexto. Isso
sem falar no Suplemento *Debate*, que
aprofunda temas da conjuntura numa
perspectiva teológico-pastoral.
Assinatura anual: R\$ 12,00
Assinatura de apoio: R\$ 18,00
Exterior: US\$ 18,00
Exemplar avulso: R\$ 2,00



Os pedidos de assinatura, acompanhados
com vale postal ou cheque nominal à
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço,
devem ser enviados para:
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
A/C Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel: (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016
E-mail: koinos@ax.apc.org

DE VOLTA AO CELESTE PORVIR

Carlos Alberto Rodrigues Alves

*Lutar com palavras é luta
mais vã;
entanto lutamos mal rompe
a manhã.*

Carlos Drummond de Andrade

Nosso universo é feito de mundos em cujas avenidas desfilam, triunfalmente, nossas palavras. Sejam elas armadas para "mal-dizer", sejam elas amadas para "bem-dizer".

Não temos alternativas. Os mortais somos feitos de palavras que brincam ou brigam conosco a cada momento. Elas são a extensão de nossos braços para o abraço ao objeto desejado. São o prolongamento de nossas mãos nocauteando o que nos desagrada.

É... Sempre suspeitei que palavras são palavras, muito mais do que palavras... Afinal, elas moram onde nós moramos... Elas são o que nós somos... Por isso nas arenas acadêmicas queremos-las becadas epistemologicamente para declarar o primado das teorias científicas (status outrora conferido à teologia!). Nos papos de botecos já as preferimos travestidas bufonicamente para as dores dos nossos corpos crucificados. Nas catedrais, suntuosas ou não, desejamo-las em seus vãos arrebatadores levitando-nos e brindando-nos com variações aeróbicas entre os céus, infernos e adjacências.

Também com palavras, construo uma senha para adentrar aos portais de um mundo demasiadamente especial. Mundo criado a priori com seus hermetismos li-

terais que são a mais completa tradução de seus habitantes. Mundo onde cada um de seus cidadãos é rigorosamente regido por uma terminologia onde os eternos enigmas dos homens são minuciosamente decodificados. Mundo onde os mistérios da vida e da morte ficam presos nas teias de códigos verbais que dão aos seus pronunciamentos poderes e certezas cartesianas. Isso mesmo! Ali não há espaços livres. Ali não há lugares para dúvidas. Ali não há frestas para indefinições. O cenário é construído com precisão astronômica qual sistema planetário de Kepler. Pertencer a este mundo é estar irmanado a uma confraria em cujo dialeto o eterno, o invisível e o transcendente se teofanizam.

"Em que mundo orbital estamos a flutuar?", pergunta um cidadão não-iniciado. "Que universo caleidoscópico estamos a visualizar?", indaga um transeunte ávido por coisas do outro mundo. Serei eu a responder. Estamos em um chão sagrado onde os moradores são autodeclarados "diferentes". Este é o reino encantado daqueles que aceitaram a Jesus como seu único e suficiente salvador. Reino ao qual fotografo na qualidade de um turista...

Estar neste exótico universo é ver o riso e o rosto dos que têm certeza de sua salvação. Peregrinos que são, dizem estar a caminho da Canaã Celestial. Isso explica o porquê de suas falas desprezarem as coisas deste mundo, tão passageiras, tão fugazes... Há, além da história, um alvo final a se alcançar. Os prazeres da terra

"Sou forasteiro aqui, em
terra estranha estou,
Celeste pátria, sim, é para
onde vou:
Embaixador, por Deus, de
reinos lá dos Céus,
Venho em serviço do meu
Rei."
(Salmos e Hinos, n. 544)

não podem dar idéia do gozo dali... nesta terra os prazeres se findam... a vida presente é simplesmente um meio para que se atinja a meta final.

Por isso a jornada dos santos é ritmada e inspirada por canções e preces que anelam por um lar no céu. Esta é razão também de, longe dos perdidos que jazem no lamaçal do pecado, poderem celebrar, poderosa e constantemente, o fato de estarem alvos mais que a neve. É verdade que pela bênção de terem optado pelo caminho estreito, encontrarão as mais ardilosas tentações que o inimigo de nossas almas usará a fim de desviá-los para o caminho largo. Mas se o mal lhes ameaça é imprescindível que se tenham nos lábios as palavras de ordem do Excelso comandante que lhes dá o grito de guerra: "Avante, avante, oh crentes! soldados de Jesus". Assim se movimenta a marcha da família com Deus para a vitória final que só terminará no grande dia quando o som da trombeta ecoar. Até lá os fiéis se consagram em fervente oração cujas palavras ensaiadas tocam o coração do Santo e eterno Deus.

Que universo encantado este dos eleitos! Encantado não com